

DE ONDE OS  
medos  
Crescem

Diogo Nogue



## Prefácio

O conto *“De onde os medos crescem”* tem como base uma antiga história de família.

Não se sabe até onde ela é verdadeira ou pura invenção e, de fato, isto não é importante.

As principais passagens e acontecimentos deste conto são relatos, memórias do meu avô Eufrosino Candido da Silva, mas para conta como poderia ser possível ele viver estas histórias terei que fazer um breve resumo da vida do seu pai.

Meu bisavô era filho de escravos, porém foi beneficiado pela lei do ventre livre, época provável de seu nascimento.

Viveu em uma comunidade quilombola a alguns quilômetros das fazendas de cana de açúcar onde seus pais e irmãos ainda viviam como propriedade. O quilombo ficava nas imediações de Quissamã, litoral do Rio de Janeiro.

Conta-se que sobreviventes da revolta dos Malês se espelharam pelo Brasil. Se juntando aos quilombos e instigando suas comunidades a organizar conflitos e fuga de escravos em diversas fazendas por volta de 1883 a 1885.

Um desses planos de fuga pretendia libertar escravos das plantações de cana de açúcar próximos a Santa Cruz (RJ) e suas usinas. Segundo meu avô, seu pai e outros quilombolas tinham famílias nessas imediações.

Eram poucas as pessoas que dispunham para essa empreitada, por isso não contavam com a força para libertar os escravos, e sim com um plano que os permitisse entrar e sair das fazendas causando o mínimo de alarde, fugindo furtivos no meio da noite.

Os quilombolas apelaram para os orixás, e conseguiram a proeza graças a ajuda de Iansã (deusa do fogo e dos mortos).

Iansã concedeu ao líder do quilombo uma chave, tal chave seria capaz de abrir todas as portas, cadeados e correntes que estivessem no caminho e, com isso, trariam os escravos pela noite, rápida e silenciosamente.

Não foi tão fácil quanto parecia, muitos morreram na fuga, mas graças a chave eles salvaram muitas vidas.

Essa história foi um dos únicos bens que meu bisavô deixou a seu filho, juntamente com a chave de lansã.

Meu avô assim como seu pai, carregou esta chave consigo durante toda vida, como amuleto de proteção. Porém não a passou para nenhum filho, preferindo ser enterrado com ela. Não se sabe se seu desejo foi atendido, ou se a chave simplesmente perdeu-se.

Assim como não podemos ter certeza da procedência e nem da veracidade da história desta chave.

Ele dizia, no entanto, que foi um grande sacrifício carregá-la, e que as consequências disso ele não viveria pra ver.

Que sacrifícios e consequências eram essas não se sabe. Porém, podemos supor que elas se relacionem com esse importante lado do meu avô: as histórias que contava.

Pouco sabia ler, menos ainda escrever. Porém, para cada um dos filhos deu um caderno no qual eram escritas histórias que ele ditava. Meu pai diz que eles achavam ser apenas um exercício para que ele e seus irmãos treinassem a escrita, a partir de grandes histórias que envolviam a chave, passagem para outros mundos, viagens há outros tempos, diálogos com mortos ou com fantasmas.

Achavam que era apenas produto de uma mente criativa, apesar de que, muitos dos seus relatos chegavam a ser até premonitórios.

Supõe-se que cada um dos filhos tenha escrito um caderno desses, recheado de histórias e sonhos ditados, provavelmente cinco ou seis. Não se sabe onde foram parar todos eles ao longo dos anos. Meu pai guardava um desses cadernos, o que meu avô ditou para ele quando criança, e foi com este caderno que entrei em contato na infância. Uma das minhas leituras favoritas.

Foi a partir dessas histórias, que lia quando criança, que retirei alguns personagens, alguns locais, e as principais imagens do conto “De onde os medos crescem”.

Uma enchente em minha casa nos anos noventa destruiu boa parte dos livros dos meus pais, dentre eles o caderno do meu avô. Consegui na época, recuperar algumas páginas que reescrevi em um segundo caderno, completei algumas das histórias com a ajuda do meu pai, porém muitas páginas perderam-se para sempre.

Um misto de sonhos, verdades e imaginação, além de momentos de sua vida são o resultado dos relatos contidos nos cadernos. Não posso dizer com certeza que meu conto é baseado em fatos reais, mas posso dizer que muitas passagens por mais fantásticas que pareçam tem um fio da realidade, do factual.

---

## De onde os medos Crescem.

O que é isso, senhor?

Uma chave, meu rapaz.

Que é uma chave eu estou vendo, quero saber pra que serve, e porque você esta dando-a para mim?

Para que serve uma chave, meu rapaz?

Ahh, para com isso! Você entendeu o que eu quis dizer!

Tudo bem... eu explico:

Uma chave, ao menos uma chave como esta... vai além de sua função utilitária. Como posso dizer... ela é um símbolo, olhe bem para ela, vê? Esta imagem quer dizer bem mais do que seu significado comum. Além disso, esta chave é especial...

Não sei bem como ela funciona, nunca soube ao certo, já fazia anos desde a última vez que consegui tocá-la, há muito eu pensei que ela fosse apenas uma ideia. Sabe? A ideia de libertação, a ideia de encontro, descoberta, há muito eu pensava que ela era apenas o desejo de atravessar para um novo lugar, de estar dentro, protegido, de conhecer o segredo mais bem guardado. Mas por anos, após a ter em mãos e perdê-la, descobri que tem segredos que devem permanecer trancados, outros, que não precisávamos ir tão longe buscar!

Há mundos que você pode descobrir, com sabores únicos, aos quais você daria sua vida para poder provar uma segunda vez. Aquele sentimento, aquele exato momento... ahh, talvez eu sinta falta daquilo...

Ainda não entendo o que você quer dizer, porque você não vai direto ao ponto? Sem esses joguinhos e mistérios. Eu quero a verdade, se não, vou embora, e pode ficar com sua chave!

Eu não preciso mais dela, por isso, dei-lhe a você, agora ela é sua, Hahaha! Não existe devoluções!

Seu velho maluco! Não sei por que eu to dando corda a um louco. Eu vou embora, pra mim já deu! E pode ficar com isso!

Hahahaha pode ir. Vai! E aproveite! E ah, tome cuidado ao atravessar a fenda, em rapaz! só vai conseguir sair com as respostas!

Cala boca, você só fala merda, toma, pode ficar!

---

Bom, como se deve começar a contar uma história? Acho que primeiro é preciso um narrador.

Ele deixa as coisas bem mais fáceis, vai contando quem são os personagens, como são, onde estão, o que esta acontecendo. Sabem até o que pensam. Na maioria das vezes nem se quer estavam lá. Não fazem parte da história.

Vocês podem ficar calmos, eu faço parte dessa história, certo é, que só vou

aparecer na metade dela... Mas podem confiar em tudo que vou contar. Sobre os pensamentos e momentos em que, tecnicamente, não estava presente: tenho fontes precisas, o resto eu vi em sonhos e decorei de memórias que ficaram por aí, flutuando, sendo remoídas em minha presença.

E saibam, minha presença é abrangente. Estou dentro de você agora. E serei a voz que vai te acompanhar para sempre.

\*\*\*\*\*



Vicente acordou assustado. Acabara de ter o sonho mais estranho de que se lembrava, ali sentado no seu carro, esperando Leocádia a poucos metros do metrô.

Era noite, e as luzes em neon pulsavam “Hotel Armênia” do outro lado da rua, refletindo suas cores vibrantes sobre o capô do carro.

Com os olhos fixos no magenta e verde limão que se fundiam com o preto automotivo, começou a se lembrar do sonho claramente, parte por parte.

Segurou a mão da moça de vestido branco, e com a mão livre, segurava bem forte a chave. O céu noturno chorava estrelas cadentes e ao longe a lua brilhava gigantesca, fazendo sua sombra se estender por metros. Não sabia onde estava, nem onde estava indo, mas a moça de vestido transmitia a ele a confiança que precisava para seguir em frente.

Descalço, Vicente sentia a grama baixa e, às vezes, a sensação agradável se interrompia ao pisar em uma pequena pedra. Seguiam por um caminho sem trilhas, vencendo pequenos morros até que chegaram ao lugar. Uma grande porta no meio do campo parecia ser mantida em pé por linhas finas que iam de suas extremidades até o chão.

Pensou que seria o momento de usar sua chave, mas a moça de vestido abriu a porta sem ao menos fazer força. Seguiu-a e atravessou o grande portal que tinha apenas uma fenda entreaberta.

Lá dentro o céu era vermelho, ainda iluminado pelas estrelas e a lua. Ao dar alguns passos adentro, o grande portal desapareceu, deixando os dois ali.

Vicente notou as linhas negras que brotavam do chão e se erguiam, buscado o luar, escalavam, apoiando-se uma nas outras, parecendo costurar o ar até se confundirem com a noite.

“Octávio me pediu que te trouxesse aqui” disse a moça. “Ele disse que este lugar foi importante para que pudesse desfrutar o resto da viagem. Detalhes, que ele só foi entender bem mais tarde...”

“Quem é Octávio?” perguntou Vicente “acho que já sei... Nossa... nunca vi um céu tão belo, dá vontade de tocá-lo”

E Vicente estendeu a mão tentando pegar cada estrela, ou sentir o veludo vermelho da noite, não conseguiu. Porém, estranhamente, começou a ouvir uma voz ao seu ouvido que dizia-lhe exatamente o que estava fazendo e pensava, dizia até mesmo que ele acabava de começar a ouvir uma voz em sua cabeça. Hesitou tentando parar a corrente de pensamentos e narração que se uniram.

Olhou para moça assustado, e se assustou ainda mais ao notar que a voz guiava suas reações. A moça o olhava com interesse, um misto de alegria e compaixão.

Vicente parou, perguntou à voz o que deveria fazer em seguida, e esperou em silêncio.

“Você vai caminhar até as costuras do céu, e lá, não precisará mais de mim” Foi o que a moça lhe disse, e foi o que aconteceu.

Correu até lá, e diante das grandes linhas não havia mais caminho algum. Afastou-se alguns metros tentando ver aonde elas iam.

Foi então que um zunido metálico tomou tudo a sua volta, ele tapou seus ouvidos que pareciam querer estourar. Lá no alto, a costura começava a se desfazer, cortada por lâminas invisíveis. Era como se recortassem o céu e uma figura se forma-se. Um semi-círculo descendo em um retângulo. Como um véu, o céu caiu, deixando apenas a forma vazia pairando entre as costuras. Finalmente o silêncio voltou.

Vicente ao olhar a estranha forma sabia que agora deveria usar sua chave, e começou a escalar as costuras, tentando chegar ao buraco no firmamento. As linhas eram grossas, permitindo a ele se apoiar a cada obstáculo. Não soube quanto tempo levou no processo, mas ainda via ao longe a grande forma. Desejava, seu coração pulsava mais forte ao vê-la, mas parecia que nunca iria encontrá-la.

“Olhe para trás!” olhou, mas era tarde. Um tiro? Algo. Vindo das sombras, desenhando no espaço uma linha. Das sombras até o seu coração. A dor foi forte, mas logo se apagou.

Agora, lá embaixo, Vicente via um corpo cair dos céus, um tiro nas costas o tombara. Correu para socorrer a vítima, confuso. Socorrer a si mesmo?

Viu o corpo bater sobre a grama com um baque surdo, a moça se aproximou e segurou o corpo que ainda respirava, ela o beijou. A chave não estava mais em suas mãos, deixara apenas um rastro, uma queimadura.

Vicente via toda cena, aterrorizado. Relutante, venceu os poucos metros que faltavam para encarar a si mesmo, e foi mais difícil do que poderia imaginar. Ver seu corpo morrer, ver-se desaparecer nos braços de uma desconhecida. O corpo se desfez em pó, e o pó se desfez em nada...

Vicente caiu de joelhos. A moça o olhava, não foi consolá-lo. Deixou-o ali e foi caminhando para longe parando de repente. Desenhou uma forma retangular a sua frente, segurou seu centro com as duas mãos e o abriu, deixando a luz do dia entrar pela janela.

---

\*\*\*\*\*

As batidas no vidro do carro trouxeram Vicente de volta ao presente no mesmo momento do sonho em que acordou.

Leo pediu para entrar, ele destravou a porta e a seguiu com os olhos, vendo que ela dava a volta pela frente do carro, puxava a maçaneta e entrava.

Cumprimentaram-se com um beijo leve nos lábios, ele notou que ela havia chorado há pouco.

“O que foi, você está bem?”

“Si...sim, estou bem, mas é que tenho uma coisa pra te contar...” Ele a observava atento. Seu olhar o preocupava, ela desviou-o, e então disse tudo de uma vez.

“Vi, é sobre sua avó. Parece que invadiram a casa dela, feriram-na gravemente e ela não resistiu.” Leocádia, pontuou sua última palavra com choro e soluços. Vicente não sabia o que esperar, mas foi bem pior do que podia imaginar. Com um nó na garganta, quase sufocando-o, e sem palavras, queria mais detalhes, queria um motivo, uma explicação, mas Leo não tinha todas as respostas.

“Disseram que foi com um tiro, um tiro pelas costas... Não consigo acreditar como as pessoas podem ser tão perversas, não havia sinal de reação, ela era uma senhora de oitenta anos, o que poderia fazer!”

Vicente a abraçou, chorar era o único poder que tinham... e ali ficaram por um tempo, fazendo tudo que podiam.

Ele olhou pela janela, as pessoas começavam a chegar do cemitério. O número de carros tomou toda a rua. E agora, que tudo já tinha terminado, ele se perguntava por quê?

Longos cumprimentos, inúmeras palavras vazias, porém depois do choque,

depois de ver toda a situação, dormir uma, duas... três noites com a imagem dela em sua cabeça, percebeu que não deveria mais chorar, que não havia mais peso, estava de certa forma feliz porque agora ela estava livre.

Porém não era isso que deveria sentir. Toda aquela cerimônia, todo tom das palavras, a terra batendo sobre o caixão, tudo isso trouxe a ele um grande peso novamente, um nó em sua garganta.

Disse apenas que daria uma volta. Pegou o carro e saiu deixando todos para trás.

---

\*\*\*\*\*

Dirigi sem destino algum, queria me distanciar. Coloquei o álbum “A tempestade” e deixei rolar. Não sei que grande ideia foi essa, pegar o carro e dirigir no trânsito estressante da cidade!

Fui entrando por ruas automaticamente, os versos “...porque me quebraste em mil pedaços...” soavam no rádio enquanto eu me aproximava da rua da minha antiga casa. Não sei qual motivo levou-me para o bairro que vivi a maior parte da minha infância.

O sol se punha, mas sua beleza era quase impossível de se ver. As nuvens cobriam o céu, deixando tudo cinza.

Desci do carro e olhei pelo portão, a casa parecia estar fechada há muito tempo: pelo quintal via-se flores mortas e o mato, algum lixo, e outros objetos jogados. Senti vontade de entrar. O muro não era muito alto, lembro-me de escalá-lo muitas vezes.

O movimento nas ruas do subúrbio às seis horas é grande. Notava sobre mim alguns olhares. Crianças brincavam, moças e senhoras olhavam a rua, de seus portões e janelas. Peguei meu molho de chaves e olhei a fechadura entre as barras de ferro, quem sabe alguma serviria?

Já tinha tentado quase todas e nenhuma haviam servido, minha última tentativa era uma chave que não reconheci naquele momento. Esta abriu o portão. Empurrei-o e o ranger familiar trouxe-me a sensação de chegar em casa após uma longa viagem.

Fui caminhando pelo quintal bem devagar, a cada passo memórias. Brincadeiras, pessoas, festas, quedas e machucados. Tudo isso vinha à tona. Desci as pequenas escadas que levavam ao resto do terreno, as árvores foram cortadas, ou caíram? Disso eu não lembrava. Entre o concreto, o mato abria caminho, e sobre eles repousavam pedaços de brinquedos que não foram meus. A minha volta o silêncio era quebrado pelas crianças gritando e correndo na rua e o som das tevês.

Uma grande melancolia me invade. Uma tristeza, saber que tudo passa. O lugar ainda está lá, mas as pessoas que traziam-lhe a vida se foram. Cresceram,



seguiram em frente. Lembranças dos meus primos, irmãos, amigos de infância. O gosto do novo estava em cada pedaço daquele chão velho e destruído.

Seco meu rosto, lágrimas que não caíram no cemitério. Forço cada porta, tento usar as chaves e nada, não consigo abrir. Tento as janelas, mas também estão trancadas. Procuo no quintal algo que me permita arrombar, conheço aqueles trincos, sei que o movimento certo...

A janela da lavanderia, era a mais fácil de abrir, foi finalmente por ela que consegui entrar usando apenas um velho raio de bicicleta. Saltá-la foi bem mais simples agora do que quando pequeno.

A escuridão é completa. O cheiro de mofo. Ar saturado. Espero alguns instantes para meu olho se acostumar com negrume e um pouco de ventilação tornar o lugar suportável.

Não adianta, não enxergo nada a minha frente.

Encostado na janela, com as mãos no batente. O que eu estou fazendo? Não sei o que pode haver naquele lugar há tanto tempo abandonado. Uma parte de mim quer voltar para o carro e ir embora, a outra quer caminhar pelos corredores da minha infância e na falta de luz, preencher os espaços com minha memória. Quem sabe o que poderia ter além daquela janela...

O medo me toma, tateio os bolsos da minha calça e nada encontro, sigo para os da jaqueta, e na altura do peito acho meu maço e meu isqueiro.

Ilumino o chão, pequenas marcas sobre a poeira, nada, além disso. Olho ao redor, tudo vazio, vou caminhando com cuidado, quero chegar ao meu quarto. Para isso, vou ter que passar pela sala e a cozinha, atravessar o corredor e, quase no fim dele, abrir a porta. O caminho se desenhava na minha mente, a luz alaranjada me contava o que havia a poucos passos adiante. Os cômodos eram pequenos e nada havia sido deixado para trás, os que vieram depois de mim e minha família nada mudaram ali, os azulejos antigos, os lustres baratos, tinham ficado, assim como a pia e os móveis de madeira podre da cozinha. Não era mais um lar. Atravessei a cozinha sem querer lembrar as reuniões ali, deixando atrás de mim a escuridão total, cheguei ao corredor. O ar bastante pesado carregava um odor mórbido.

Ouço o som de água caindo, meu coração dispara, a poucos metros de mim o chuveiro tinha sido ligado. Fico imóvel, paralisado, todos meus pelos se arrepiam, a adrenalina injetada no sangue preenche a escuridão com vultos, e sons, me sinto uma criança novamente, com medo do escuro, de fantasmas, ratos, assassinos, o puro temor do que desconheço, aliás, este último eu nunca abandonei.

O ranger da porta do meu quarto quebrou as correntes do pavor, apaguei o isqueiro e andava rápido pelo escuro segurando pelas paredes tentando não

fazer barulho, o curto caminho até a janela pareceu enorme, eu queria sair dali. Novamente na lavanderia, não encontrei o recorte retangular da janela, me perguntei se não tinha pegado o caminho errado. Era impossível, não tinha bifurcações entre os cômodos. Comecei a me sentir asfixiado, ao longe o som do chuveiro ainda era audível, deveria vir do antigo quarto dos meus pais. O pânico me fez suar, estava ofegante, e não havia ar suficiente. Cadê a janela! Deixei meu corpo cair, encostado a uma parede.

“Sonata ao luar” começou a tocar um pouco torta, o som fraco, era de um piano de criança, o meu piano? Não, nada tinha ficado.

Sentia-me um garotinho fazendo algo errado, um garotinho enrascado, queria me esconder e esperar o dia chegar, na luz do dia não existem monstros, não existe mistério. Mas lembrei que não era mais uma criancinha, que como um adulto, nada temia na escuridão.

Levantei-me, sentia a textura da parede, a aspereza do chão, o frio do concreto em minhas costas e a realidade dos meus sentidos afastou qualquer medo infantil. Fui andando novamente em direção ao corredor segurando o esqueiro sobe minha cabeça, passos firmes, gritei um “olá”, nada, “olá, tem alguém aqui?” somente os acordes de Beethoven me respondiam.

No fim do corredor um risco de luz cortava a parede oposta a porta do meu quarto. Andei até lá, mãos na maçaneta, abri.



“Olá, com licença...” a música foi interrompida, entrei no quarto sem saber o que iria encontrar. O cômodo estava quase vazio, com exceção do pequeno piano no canto, uma bola vermelha e três crianças. Uma delas sentada em um banquinho em frente às teclas, as outras duas no chão brincavam com pecinhas coloridas. A luz vinha da lâmpada central no teto tingindo todos com um tom amarelo estranho.

“Oi, não sabia que tinha alguém aqui, cadê a mãe de vocês?”

“Vicente seu bobo, entra logo e fecha a porta, o pai vai brigar comigo se eu

tocar com ela aberta!” a mocinha de vestido, a maior, com os dedinhos sobre o piano devia ter onze anos. Os dois menores olharam pra mim e voltaram a brincar, ou brigar, para saber quem ficaria com mais peças.

Eram rostos conhecidos, o medo foi substituído por estranheza e curiosidade. “Entra logo, vai!” Sussurrou.

Obedeci a garotinha, fechei a porta atrás de mim. O peso no ar desapareceu.

Ela voltou a tocar, esquecendo-me, tentava acertar a evolução da partitura com afinco diante os fracassos. “Você toca bem!” ela responde um obrigado seco, e continua tocando, vejo as duas crianças unindo as peças, concentradas, não ligam pra mim. Rostos familiares... familiares?

Ela se virou sorrindo pra mim. Meu celular começou a tocar. Um toque irritante. Esqueci que ainda estava com ele, me esqueci do mundo lá fora.

“Alô, Sal? Sim, esta tudo bem, e aí, como estão às coisas?... como assim? só sai por algumas horas! Onde eu to? hahaha cara, a coisa mais estranha do mundo, to na antiga casa dos meus pais! É, sei lá, só vim pra cá, não, não tem. Bom eu achava que não tinha, agora estou aqui com meus priminhos, ao menos eu acho que são! Eu não sei! Não, eu to bem...sério! o quê? Por que essa voz preocupada? Alô? Sal? Al...”

Perdi o sinal. Wilma olhava assustada pra mim, tinha fechado a tampa do piano. Os outros dois pararam de brincar e se comprimiam em um canto do quarto.

“O que foi? Aconteceu alguma coisa Wilma?” “Psiu! Acho que ele te ouviu, me ajuda!” ao dizer isso ela correu e segurou minha mão, apontou para o piano, e disse para colocá-lo em frente à porta. Não entendia o que estava acontecendo, mas seu olhar e suas súplicas fizeram-me atender o seu pedido.

Ao mover o piano pude ver uma pequena porta na parede, não tinha nenhuma lembrança daquele esconderijo. Ela pediu para que eu entrasse. Olhei desconfiado, talvez eu conseguisse entrar, mas o lugar era muito apertado. O silêncio foi quebrado pelo som de uma porta batendo furiosa ao longe. Wilma não me esperou, se esgueirou por entre a portar se virando, olhou para os dois garotinhos, ainda no canto, e disse “fiquem aqui e enganem ele” voltou para dentro perdendo-se na escuridão.

Não sabia o que fazer, não devia correr, devia esperar e falar com o pai de Wilma. Como se derramassem água gelada em minha cabeça, lembrei-me do medo que sentia do meu tio, mesmo após sua morte. O que esperar? Quem?

Passos no corredor.

Olho para os dois pequenos. A cena é estranha, e observo por algum tempo para tentar compreender que imagem era aquela. As crianças pareciam se unir, em uma massa flácida. Tento tocá-las, prestar algum auxílio, não sei o que fazer!

Batidas pesadas na porta, um urro de raiva.

“Wilhelmina, porque trancou essa maldita porta outra vez, tem outro aí com você?”

Sinto que nada posso fazer, a massa disforme transpassa meus braços, corro para a porta, tento segurá-la com meu corpo.

O golpe contra a madeira foi tão forte que sou jogado longe, junto com o piano que cai ao chão com tons dissonantes. Olho em volta tentando entender o que está acontecendo, um grande homem nu mantém-se em pé na entrada do quarto, a água escorria pelo seu corpo partindo dos longos cabelos que cobriam seu rosto até as escamas das garras dos pés. Garras afiadas, como a de um grande falcão.

Nova carga de adrenalina em meu sangue. Ao meu lado vejo surgir a figura de Wilhelmina, “ Por que você voltou?” Ponho-me de pé à frente de Wilma, olhos fixos no homem. Via seu corpo arquear com a respiração, fazendo gotas voarem metros à frente. É como se seus olhos vissem através de mim.

Saltou em minha direção com passos longos e fortes, braços estendidos, suas mãos atravessam meu peito antes que eu conseguisse me defender, e continuaram, tentando agarrar Wilma que se jogou pra trás.

Como se eu não estivesse ali, passou por meu corpo e agarrou a pobre garotinha que tinha pânico em seu olhar. Ela não gritava.

Tentei atacar a “coisa”, e meus golpes atingiam o nada. Os olhos grandes e maliciosos da criatura olhavam os da garotinha. Ainda desferia golpes que ultrapassavam seu corpo quando as mãos grossas rasgaram o vestido branco de Wilma, gritei de ódio, olhei em volta procurando algo para atacá-lo e impedir o que viria a seguir.

O piano sobre o chão, a bola vermelha ao canto, a pequena porta do esconderijo encostada, nenhum sinal das duas crianças e nada que pudesse usar contra aquela aberração.

Um sutil chamado me fez agachar e olhar melhor para o buraco na parede. Joguei-me para dentro, primeiro as pernas, depois o tronco. “Vem logo Vicente, antes que ele note!”

Dei a última olhada, o corpo deformado do meu tio preste a devorar a cabeça de um pequeno corpo já sem braços.

“Você pensou que era eu!” riu Wilma “Tem sorte que o pai não conseguiu te ver..”

“Como eu poderia imaginar uma loucura como esta, deveria ter me avisado! O que aconteceu com ele? E o que aconteceu com seus irmãozinhos?”

“ Como assim, ele sempre foi daquele jeito, seu cabeção, você não lembra?”

Rastejavam pelo buraco, um longo túnel de chão de barro. O vestido de Wilhelmina se tingia de marrou, ela ia à frente guiando.

“E... eu só tenho um irmão... Você sabe” um tom triste cortou o bom humor

de Wilma “Eles são meus amigos, Hugin e Munin. Eles me protegem do pai todas às vezes...”

Vicente deixou-se levar pelo pensamento de não impedir que seus dois melhores amigos fossem devorados sem pena alguma...

“Aiii Vicente... eles estão bem, eu os farei aparecer outra vez, assim como fiz eles se passarem por mim. Você não muda nunca, um grande bocó!”

Ele riu das palavras de Wilma, elas não o feriam mais, claro, só deixavam um gosto de saudade.

“Hugin e Munin sempre enganam o pai quando eu não quero ser devorada.”

“Como assim, sempre?”

“É, eu tenho esse pesadelo algumas vezes...” Ela parou e olhou para trás, não enxergava muito, mas Vicente sentiu que ela o olhava “obrigada, ainda bem que você chegou, eu nunca iria conseguir escapar, essa era a única saída”

Ele pensou em dizer um “de nada!”, mas calou-se, tentando entender o que estava acontecendo a seu redor, confusão era pouco, estava totalmente perdido na corrente de fatos que o levaram até aquele túnel. Lembrou-se da ligação de Sal, uma frase voltou a sua cabeça “Você nos deixou preocupado, quase dois dias sumido e nem uma ligação!”. Não acreditava que esse tempo todo tenha se passado. Não era possível, porém seu entendimento do “possível” se expandia a cada segundo.

“Wilma, para onde estamos indo?”

“Primeiro para a casa de vovó, estamos quase lá. Depois eu, Hugin e Munin vamos mais a frente, encontrar uns amigos! Vi, mal posso esperar!”

Logo a casa de sua avó em Vicente? Sua fuga não o levou muito longe dos seus problemas.

“Já estamos quase no fim do túnel, aí é só subir as escadas e pronto!”

E pronto, subindo as escadas estariam na varanda de pisos vermelhos de sua avó.

Subiram os degraus de ferro perdidos na escuridão, Vicente via o recorte oval que a luz fazia entrando no buraco e dando forma a escada. Parecia firme, estranhamente confiável.

Chegaram aos últimos degraus, ao se jogar pra fora Vicente se assustou. Além da luz da manhã, não sabia onde estava. A sua volta uma neblina, o céu era puro cinza, e o chão era branco, coberto de neve.

Ajudou Wilma a subir, um sorriso leve sobre um rosto manchado com barro.

Mesmo com sua jaqueta, ele sentia frio, nunca tinha visto neve na vida, ainda ajoelhado pegou um pouco nas mãos sentido a textura dos flocos que se derretiam entre seus dedos.

Wilma correu, perdendo-se na neblina, dava gargalhadas. Vicente a viu desaparecer no branco e ficou preocupado, levantou-se e foi atrás dela, chamando-a de volta.

Ele seguiu os chamados da garota entre as risadas, e já podia ver sua silhueta. A mocinha parou em frente ao portão de madeira que era ladeado por muros baixos. Tinham chegado. Wilma olhou para seu primo e então abriu o pequeno portão, correndo em direção a casa, ele caminhou devagar pelo caminho ladeado de rosas, até chegar à porta vermelha.

Ficou de frente para aquela porta de madeira, que já foi tão grande para ele quando criança. Pensou nas visitas a sua avó, nas tardes de domingo, nos aniversários que fez ali. Lembrava de acordar pela manhã sentindo o cheiro do café e do pão, levantar-se e ficar olhando pela janela a neblina em dias como aquele esperando ser chamado para o café da manhã.

“Deixe-me chamá-la pra você, já que você parece uma estátua aí!” disse a garota apertando a campainha.

Vicente tinha medo, imaginando a sua avó abrindo a porta, nos últimos dias pensou em tantas coisas que queria ter dito e nunca conseguiu. Não que não tivesse tido chance, porém nunca achava tempo, ou achava que não tinha importância. No entanto, depois que ela se foi, todas essas coisas voltavam a sua mente, como se fossem os diálogos mais importantes da humanidade.

Teria a chance agora?

Wilma tocou mais uma vez a campainha, mas ninguém abriu. “Vai ver Wilma não sabe ainda que ela esta morta...”

“Vem, não tem ninguém aí, a vovó não esta mais aí...”

“Espera Vi, tem sim, já vão abrir a porta... apressado você em!”

Vicente olhou com tristeza para garota, sentiu que devia contar a ela, abaixou-se um pouco, ficando na altura dos grandes olhos da garota, pousou as mãos em seu ombro.

“ Acho que tenho que te contar uma coisa...”

Ele não continuou, a porta se abriu neste momento. Wilma cortou o olhar confuso que dirigia ao primo e sorriu olhando para a porta aberta. Ele hesitou por alguns segundos, sua visão periférica formava a vaga imagem de uma mulher, não tinha certeza se queria confirmar quem era.

“Olá”

“Oi Alba!” disse Wilma virando-se para Vicente “Não falei que ela estava ai!”

Ele fechou os olhos e levantou o corpo olhando para a porta. Estava confuso. A curta saudação trouxe-lhe uma voz conhecida, que não conseguiu identificar.

Suas pálpebras pesavam toneladas, mas finalmente conseguiu abrir os olhos, e ver quem o recebia.

“Quem é o seu amigo, mocinha, não sabia que traria visitas dessa vez”

Vicente admirava o sorriso da moça a sua frente, a pela lisa, os cachos escuros contrastando com a pele, os olhos de um âmbar puro. Não, não era sua avó.

Wilma deu uma beliscada na mão do primo, trazendo-o de volta ao mundo.

“Ah, Olá, eu sou primo da Wilma, me chamo Vicente”

“Sim, me lembrei... eu sou a Alba, vocês gostariam de entrar, eu imagino, venham!”

“Sim, claro Prazer em conhecê-la...” disse Vicente “ está um pouco frio aqui fora... neve... nossa!”

“Não, gente, desculpa, mas eu não vou poder entrar não...”

“Ah, não vai ficar nem um pouquinho? Adoro suas visitas.”

“Alba, desculpa mesmo, é que daqui a pouco vou acordar, tenho que encontrar uns amigos, o Octávio que me mandou, sabe?”

“Bom, se é assunto do Octávio é melhor correr, não é?”

O nome lembrou Vicente o sonho que teve no carro há poucos dias. Estaria ele sonhando tudo isso também?

Faria sentido, afinal, como tudo isso que aconteceu nas últimas horas poderia ser verdade? Vai ver ainda estivesse deitado no chão frio e empoeirado da sua antiga casa, ou talvez ainda estivesse no seu carro e nem tenha encontrado Leocádia, nem nunca tenha aberto aquele portão, ou vai ver...

“Não é bem isso não, Vi...”

Alba deu um olhar de repreensão à pequena Wilma.

“Vou chamar Hugin e Munin, eles vão me levar rapidinho pra lá”

Wilma abriu um pequeno bolso no vestido, de onde tirou um vidrinho dourado em forma de pássaro, abriu-o jogando seu conteúdo no chão vermelho, um líquido marrom escuro, quase preto, escorria viscoso da boca do frasco até o chão. O líquido criava forma.

“Mas então, quem é esse Octávio afinal?”

As duas olharam-se, e foi Alba que falou.

“Como assim? Pelo que sei, ele é avô de vocês, não é Wilma, como não o conhece?”

“É sim, ele é meu avô, foi ele que me deu os dois” e apontou com a cabeça os dois corvos pousados a sua frente, seus melhores amigos.

Vicente perdeu-se em seus pensamentos, seu olhar envolvido no movimento das penas dos pássaros. De fato ele nunca havia conhecido seu avô, nenhum deles.

“Quem sabe em breve você o veja por aí?” disse Alba, tentando animá-lo.

“É... logo ele aparece!”

Os corvos cresceram um pouco mais e voaram até o quintal. Suas penas contrastavam com a neve branca.

“Eles estão com pressa, tchau pra vocês!”

“Tchau” responderam os dois vendo a garota correr em direção aos pássaros.

“Ainda quer entrar?”

“Sim, sim, por favor.”

E assim fizeram. Alba trancava a porta enquanto via Wilma alçar vôo. Ela sorriu, queria poder sentir aquela liberdade.

Vicente olhava o cômodo, a sala de entrada. A casa de sua avó permanecia a mesma, só uma coisa tinha mudado: o ambiente tinha sido organizado com a tonalidade vermelha. Piso, paredes, móveis, objetos, porta retratos e fotografias. Tudo compunha o ambiente monocromático.

A moça ficou ao lado de Vicente observando as fotografias, eram as mesmas fotos de família que sua avó deixou.

“Tem alguma com você aí?”

“Ah, tem sim. Olha, eu aqui com três anos... aqui indo pra escolinha.. e aqui eu, minha esposa Leocádia, e meu filho Antônio”

“Que bonitinho ele é, parece muito com você, mas os olhos e a boca ele puxou da mãe!” sorriu “Um dia quero ter os meus... estranho sabe... eu não conseguia ver essas fotografias, estavam todas em branco!”

Vicente tentou imaginar o porquê desse fato, mas logo foi pego pelo sorriso de Alba, retribuiu sem jeito.

Pelos seus gestos e sua fala, ele diria que a moça passava dos vinte, vinte quatro anos talvez, porém seu rosto era ainda mais jovial, parecia ser impossível acreditar que ela tivesse mais que dezesseis. Ele ainda não conseguia se lembrar de onde a conhecia.

O silêncio invadiu a casa e Vicente resolveu quebrá-lo.

“Há quanto tempo mora aqui?”

“Agora... deve fazer alguns meses... se bem me lembro era outubro... Sua avó Caetana me convidou para cá, aliás, por pouco você não a encontra, ela saiu algumas horas antes de você chegar!”

“Sério? será que ela vai demorar?”

“Bom, ela disse que ia fazer uma longa viagem... mas você pode esperar se quiser. Adoraria companhia, as horas aqui são longas...”

Sim, algumas vezes longas demais, Vicente pensou. Olhou o relógio, marcando sete e meia da manhã, e o mês, Setembro.

“Ou, às vezes, passa rápido demais, e a gente nem nota... Tem certeza que ela foi embora há poucas horas?” completou ele.

“Tenho sim, quando acordei essa manhã ela já estava com as malas prontas. Parecia animada...”

“Sabe pra onde ela foi? Pode levar-me até lá?”

“Não, não posso te levar, na verdade, eu não consigo sair dessa casa.”

“Como assim, não consegue?”



“Simples, não consigo. Sempre que tento tudo se apaga... a neblina cobre tudo, fica tudo branco, e quando eu vejo estou aqui dentro outra vez, ali no corredor...”

“O que está acontecendo aqui? O que aconteceu com o mundo, com as pessoas... por que está tudo assim: tão confuso... tão estranho...?”

Vicente seguiu para o corredor, nele era tudo branco, os tacos no chão mostravam os pálidos veios da madeira, nas paredes os quadros de molduras imaculadas exibiam imagens com tonalidades sutis, do puro marfim ao algodão e, inicialmente, Vicente pensou que estivessem todos apagados.

“Já se sentiu em um sonho em que você não consegue acordar?” Perguntou para Alba.

Ela mastigava a pergunta, sentido seu gosto, tentando reconhecer seu sabor, e respondeu:

“Não... e você, já viveu um sonho em que preferiria não acordar nunca mais?”

“Acho... acho que sim, mas não consigo me lembrar como era...”

“É, você não se lembra, eu sei.”

Alba abaixou o rosto, Vicente viu uma lágrima cair, seus cabelos negros sobre o rosto clareavam, parando no ruivo alaranjado.

“Esta tudo bem moça?” Ela seguiu correndo para o fim do corredor, ele a seguiu. “Alba, o que foi que aconteceu?”

Seu celular começa a tocar novamente no bolso interno de sua jaqueta. Ele pensa em não atender, mas a curiosidade o faz pegar o aparelho. Era Salvador outra vez.

“Alô Sal, tudo bem?”

“Vicente, onde você está? To te ligando há horas! passei na frente da sua casa antiga, nada de você nem seu carro!”

“Calma Sal, está tudo bem, estou na casa da minha avó agora...”

“Da sua avó? Como foi parar aí? Olha, não sai daí não, a Léo me mata se eu não voltar logo com você para casa.”

“Tudo bem, não vou a lugar nenhum. Estou te esperando.”

“Até mais então... e que bom que está bem.”

“Espera, está tudo bem com a Leo e o Antônio?”

“Sim, apesar de tudo, estão bem... olha, não sai daí, tudo bem? Até logo.”

Alba abriu a porta do banheiro e saiu, enquanto Vicente guardava o celular no bolso. Seus cabelos estavam mais claros, sem dúvida. Apesar de ela ter tentado disfarçar, notava-se que tinha chorado há pouco.

“Seu amigo vai vir te buscar?” perguntou a garota.

“Sim, ele está aqui perto...”

“Você disse que queria acordar, mas não estamos em um sonho... não exatamente” ela foi até Vicente e segurou a sua mão. “mesmo assim, para se sair daqui temos que ‘acordar’ de certa forma. Vem comigo.”

Eles seguiram pelo corredor, e entraram na cozinha totalmente azul, chegando então onde foi uma grande sala, mas que agora era um grande depósito, parecia que Caetana tinha passado a guardar quase tudo de sua vida naquela sala. Caixas tomavam paredes, móveis empilhados, quadros encostados no chão, buquês de rosas secas, e no meio de tudo aquilo uma cama de solteiro. A luz entrava por uma grande janela de vidro a direita. Tudo na sala era de um tom sépia, com exceção da colcha rosa que forrava a cama. Isso intrigou muito Vicente, a ponto de ele perguntar:

“Porque só a colcha é rosa? Até agora, tudo era do mesmo tom, sempre!”

“Ah, você notou, peguei ela hoje de manhã no quarto de Caetana.” Alba deixou escapar um sorriso, seus olhos de mel pareciam mudar de cor.

Ela foi até a cama e se sentou. Ele fez o mesmo. Abriu a gaveta do criado mudo ao lado de sua cama, vasculhou entre os papéis, tirando por fim, um envelope que entregou a Vicente.

“Antes de você ir, eu tenho que te entregar isso. O Octávio disse que te traria respostas.”

“Octávio de novo... como ele sabia que eu viria?”

“Não tenho ideia. Às vezes ele me assusta, parece que sabe de tudo que acontece por aqui!”

Vicente segurou o envelope entre as mãos.

“Que tipo de respostas ele me deixou?”

“Abra e descubra...”

“Você não leu então?”

“Não, tive medo de ler.”

Alba riu, e alegrou Vicente com seu sorriso.

“Haha, por que medo, ele ficaria sabendo?”

“É besteira minha... sabe quando a gente esta tendo um sonho, e nos entregam uma coisa pra ler, ou temos que ler uma placa, algo assim?”

“Uhum, já tive sonhos assim...”

“E aí a gente tenta ler e acaba acordando!” eles riram “Quem sabe, essas respostas te acordem também?”

Ainda riam da teoria de Alba. Ela agora tinha os olhos negros e os cachos ruivos caindo sobre seu rosto. Ele abriu o envelope desdobrando as folhas. Começou a ler. Quem sabe desse certo?

“Ah, esqueci, ele disse para você ler em voz alta e que eu lhe tirasse qualquer dúvida que surgisse.”

Então recomeçou:

“Pode ser que você já a tenha reconhecido, mas se ainda não notou, ela lembrou-se de você desde o momento que entrou por aquela porta.

Vocês já não se falavam há algum tempo, pode tê-la apagada da memória, mas vai lembrar-se da sua voz e seu jeito.

Ela tinha sonhos, planos simples, desejos de uma vida. Estava lutando por isso, estava quase vivendo o que sonhou.

Houve um tempo em que você, Vicente, fazia parte desse sonho, aliás, era uma importante parte dele, mas sua impotência e acomodação não a seguraram. Você a deixou ir.

Mas ela seguiu com seus sonhos, moldando-os de acordo com as necessidades.

A primavera chegava ao fim, deixando o gosto da esperança, casaria no inverno, e quem sabe no próximo verão já estaria à espera do seu primeiro filho. Viveria a simples alegria de ser amada. Mesmo diante de todas as dificuldades que isso acarretaria” Vicente parou.

“Não entendo... por que ele está contando essa história.” e os olhos de Alba eram seu plantão de dúvidas.

Não precisou que ela dissesse nada. Seu rosto triste molhado de lágrimas uniu-se as antigas memórias de Vicente. Tudo veio à tona.

“Pode continuar?” perguntou Alba, ele hesitou, vendo, porém aqueles grandes olhos quase que suplicando. A dor. A verdade.

“Seus sonhos... viraram apenas história. Uma lembrança a mais sobre uma vida interrompida, não teve tempo. O fim chegou antes.

Quem sabe você não a teria salvado? Poderia ter sido diferente. O seu medo de viver pode levar outras vidas a uma rua sem saída. Pense nisso.

Octávio.

P.S: O irmão de Alba queria que a carta seguinte chegasse a ela. Leia-a para a moça, por favor.”

Ela olhou a folha reconhecendo a letra, sorriu entre o choro silencioso. Vicente identificou no seu olhar novamente o pedido.

“Às vezes, nós ficamos juntos, pensando em como teria sido, seguir todos juntos. Até onde iríamos chegar?

Se você soubesse a saudade que deixou, não teria ido. E essa saudade não quer passar, talvez nunca passe.

Sinto-me sufocar, uma angústia me invade, sinto um nó na garganta quando olho nos lugares dessa casa que você não está mais.

Às vezes, quando vou até seu quarto, penso que de algum jeito você deve estar lá.

Eu sei que nessas horas a gente não escolhe, mas você poderia ter tentando.

Em dias tristes e vazios, penso em como a vida nos passou pra trás. Não dá pra não pensar em você, pergunto-me como você está, mas você não responde.

Já era como foi, as coisas tinham que ser assim . Só queria dizer que não me esqueci de você, disseram-me que um dia nós vamos nos encontrar de novo, mas e se ninguém se lembrar de ninguém?

Por favor, lembre-se de mim, mesmo que eu não me lembre de você.

Queria ter dito o quanto você era importante quando tinha a chance. Será que um dia vai ler isso? Espero que sim, acho que mereço te ver mais uma vez.

Beijos, do seu pequeno irmão.”



Um estrondo seguiu o ponto final. Fortes tremores fizeram algumas caixas caírem de suas pilhas. A chuva começou a cair lá fora. Como uma grande tempestade vinda do nada.

Vicente logo percebeu, um líquido escorrendo pelas paredes, não era a água da chuva, e sim algo viscoso e escuro.

“O que está acontecendo?”

Alba estava assustada, Vicente a abraçou.

“As coisas estão se apagando na minha cabeça. Vicente, você lembra de mim agora?”

“Agora eu me lembro, antes eu não conseguia, só tinha a sensação...”

Os tremores cresceram, os dois estavam sentados sobre a cama, as paredes foram tomadas pelo líquido que escorria do teto e já fazia uma poça pelo chão do quarto.

“Fiquei em coma quatro dias” dizia ela em meio ao caos “só souberam que eu estava naquele hospital no terceiro dia. Minha família finalmente me encon-

trou e foram me visitar, alguns amigos e meu noivo também foram, mas você não...” sua voz era calma e triste.

“Eu só soube quando você acordou, o Salvador foi te visitar. Contou-me do seu estado, eu tive medo de vê-la, depois de tanto tempo, e com seu noivo lá... Temos que sair daqui Alba.”

Ela continuou.

“Acordei no quinto dia, todos sentiram esperança, já agradeciam ao santos, aos deuses, a quem for. Mas naquela noite eu não resisti.”

“Eu queria ter ido vê-la, depois que soube que tinha acordado, não pude ir no mesmo dia, e depois... era tarde”

Eles ficaram abraçados.

“Algumas palavras morreram na minha garganta, quero dizer que eu...”

Ela o interrompeu, selando seus lábios com os dedos.

“Eu sei, eu sempre soube.”

Novos tremores, o líquido negro já atingia um pé de altura, logo tomaria a cama.

“Temos que sair daqui, Alba”

“Não, eu não quero, tenho que ficar” ela se afastou “quero que leve algo pra se lembrar de mim”

Ela rasgou a fina blusa de renda branca que usava, mostrando o dorso.

Havia três botões encravados em sua pele. Ela os desabotoou um a um com cuidado. Abriu assim seu tórax, introduziu os dedos por entre as suas costelas, procurava algo.

Lembranças invadiam a mente de Vicente, primeiro a última imagem que tinha de Alba, o tule sobre seu rosto, as mãos sobrepostas, os três botões de prata. Depois as imagens boas, nostálgicas noites juvenis.

Ela achou o que procurava. Em um movimento bruto, puxou algo entre os dedos sujos de um vermelho coagulado. Um relicário em forma de coração.

O líquido já manchava sua cintura de um negro nanquim.

Linhas prendiam o relicário ao seu peito. Ela as cortou usando os dentes, dando em seguida o objeto a Vicente que o recebeu assustado e com lisonjeio.

“Vem comigo, temos que sair daqui!”

“Não, agora é tarde de mais... Adeus, meu pequeno”

Vicente secou as lágrimas que rolavam dos grandes olhos de Alba. Seus cachos emolduravam seu rosto e reluziam, mas em um segundo, tudo perdeu a cor.

Ele a abraçou sentindo o corpo da moça perder o calor e enrijecer, até ser tão duro quanto o concreto.

Ele afastou-se, e ela já tinha ido, junto com seu calor, sua cor, sua alma.

Em sua frente: uma estátua de areia. Alguém que amou. Estátua que se diluía nas lágrimas da casa.

O óleo escuro já chegava ao peito. Vendo Alba afundar lentamente, ocorreu-lhe que não podia ficar ali esperando se afogar naquela dor.

Levantou-se buscando a porta, mas não a encontrou. Entre os tons de sépia e negro, as caixas, as estantes e móveis não mostravam a saída.

Em pé sobre a cama, via seu rosto refletir na superfície vinílica que cobria seu ombro.

O fino branco da neve lá fora chamou sua atenção. Era sua única saída.

---

\*\*\*\*\*

Vicente tinha finalmente alcançado Octávio, mas parecia que só havia conseguido porque esse era o desejo do seu avô...

— Você esta transitando entre o real e o sonho. Nada é tão simples, as coisas nunca são totalmente reais ou falsas na nossa vida. A diferença é que você sente isso na pele.

---

\*\*\*\*

Chovia forte quando eu cheguei à casa de Caetana, o vento era frio. Pedras de granizo desciam do céu, pequenas e a afiadas. Enchiam o chão unindo-se com a neve. Neve! Pensei: que loucura.

Abri o porta-malas e corri para buscar o guarda-chuva protegendo a cabeça. Olhei para a casa de tijolos alaranjados e porta vermelha.

Vicente deveria estar lá dentro. Atravessei o pequeno portão e percorri o quintal. Um líquido negro escorria por cada fresta da casa. Diluía-se em tons amarronzados entre a neve e o gelo.

Dei a volta pela casa, olhando as janelas, pensando se ele ainda estaria lá dentro, a julgar pelas janelas totalmente escuras, provavelmente já teria se afogado. Imaginava uma forma de entrar.

Chego aos fundos junto com o som do vidro quebrando, a água jorrou como uma cachoeira trazendo móveis, vidros e um corpo.

Corri até Vicente, que permaneceu jogado ao chão. Sangue escorria do seu corpo. Ele respirava, mas parecia cansado. Protegi seu corpo com o guarda-chuva, tentando levantá-lo apoiado em meu ombro.

Seguimos para o carro, a água continuava esvaziando a casa. Lutamos contra os objetos que flutuavam. Chegando finalmente ao veículo.

— O que aconteceu com você?

Ele tossiu um pouco “ é uma longa história...” disse ele.

Estava tremendo, peguei uma coberta de flanela no banco de trás, e o ajudei

a se enrolar. Ele tinha algo entre as mãos, e o segurava bem forte, podia ver apenas algumas linhas de barbante pendendo de seus dedos. Liguei o aquecedor esperamos a chuva passar.

Contou-me tudo que aconteceu desde quando invadiu a sua antiga casa até o momento em que o encontrei. Toda aquela história parecia um sonho louco, olhava para o rosto perturbado do meu amigo, preocupado. Mas não havia como negar a veracidade daqueles acontecimentos, eu vi a neve, a casa. O relicário.

“eu a perdi outra vez... perdi outra vez” repetia. Retruquei:

— Não é possível perder o que nunca se teve, mas os sonhos nunca se perdem, nem mesmos os impossíveis.

“Mas a vida não é feita de sonhos... quem vive deles?”

Sem resposta para isso, dei a partida no carro, seguimos calados por alguns minutos, eu guiando por ruas que conhecia muito bem, deixava a mente vagar, ele compenetrado no relicário, o abriu. Duas fotografias desbotadas que não consegui distinguir os rostos. Foi então que lembrei-me da história de nossos pais.

— Não é verdade o que você disse, é possível viver de um sonho ou até morrer por ele. É só lembrar-se da revolução, das pessoas que morreram para derrubar o regime militar.

“Sim, mas por que está falando nisso?” ele falou como se tudo isso não tivesse sido importante pra ele, como se não soubesse que dia era aquele.

— Como assim por que, você esqueceu que dia é hoje? 27 de fevereiro?

“O que? Estamos perto do carnaval?”

— Não! Você está brincando comigo? Não estou falando do carnaval, estou falando do “Dia da Fuga” lembra? Você parece que perdeu a memória.

“Não perdi não, só algumas coisas que estão me fugindo” confessou ele, perdido.

— Você não se lembra da história? O dia em que os presos militares fugiram misteriosamente... era carnaval, mas isso não vem ao caso.

“Espera, hoje então é o dia da reunião, não é?”

— Ah! Finalmente lembrou-se de algo, sim é hoje. Por isso tinha que te encontrar. Este ano vai ser especial. Pensei que você tinha pirado de vez, cara! Mas alguns minutos de silêncio.

— Você já está melhor com aquela história da sua avó?

Ele demorou um pouco a responder.

“Acho que sim, essa história toda fez-me enfrentar alguns fantasmas... sabe, a Alba, antes de... se desfazer... me chamou de ‘meu pequeno’. Só minha avó me chamava assim.”

— Estranho... O que será que isso quer dizer?

“Não faço ideia... mas me faz pensar coisas...”

— Na carta... o irmão dela também se despedia desse jeito, não é?  
“Verdade...”

Estávamos chegando, o bairro estava estranhamente deserto, sem os vendedores ambulantes, nem os mendigos, ou qualquer alma. Parecia que as lojas estavam todas fechadas há muito tempo. Algumas tinham sinais de arrombamento. Mas a paisagem era a mesma de semanas atrás, quando arrumamos o lugar para a festa.

“Onde estamos indo?”

— Você não reconheceu o lugar?

“ Não, as ruas aqui parecem todas iguais...” Eu ri. Costumávamos completar essa frase com um “mas não para nós”. Então disse:

— Estamos indo buscar o que você perdeu.

Ele continuou em silêncio.

Passei pela lateral do prédio virando à esquerda, estacionei a frente da entrada principal.

“Nossa escola? O que viemos fazer aqui?”

— Bom, ao menos o prédio de Arles você reconhece, logo você vai saber.

Atravessamos o portão de ferro, demos um olá ao busto de bronze, uma antiga brincadeira, e subimos as escadas.

— Esta com a chave aí? — ele fez que não com a cabeça — Procura no seu chaveiro.

Ele vasculhou a jaqueta manchada de sangue encontrando o molho de chave. Todas eram semelhantes. Ele me entregou todas, sem vontade de achar à correta.

— É esta aqui, a mestra.

A porta apesar de grande e pesada, abriu facilmente. Seguimos o corredor de chão quadriculado. Vicente parecia maravilhado em revê-los. Virou a direita seguindo para as escadas.

— Aonde você vai? Gritei em pergunta. Não me respondeu, mas descobri onde queria ir.

Esperei ao lado do corredor que ele voltasse.

“Parecia que todas as épocas desse prédio passaram pelos meus olhos.” Disse ele quando voltou. “Estava lá no último andar, queria rever nossa sala de aula. E quando cheguei ao corredor, foi como se mil fantasmas passassem por mim, milhares de rostos, alunos, professores, médicos, doentes, muitas moças, alguns homens uniformizados. Até que chegou à nossa época, quando estudávamos aqui, aí tudo ficou lento, vi centenas de rostos conhecidos, mas não eram como antigamente, estavam todos adultos, na nossa idade de agora. Foi bastante estranho”

— Mas e a nossa sala, como está?



“Primeiro fui à sala de Alba. A vista das linhas de ferro ainda são impressionantes. Mesmo agora que elas estão abandonadas. Os destroços dos trens me pareciam um dejavu. Depois fui ver a nossa. Estava vazia como as outras, sem as antigas pranchetas... mas foi bom rever aquelas grandes janelas. A vista da quadra... notei que a porta da guarita central estava aberta. Achei estranho, sempre a deixavam fechada com correntes e cadeados.

Sugeri como se fosse uma ideia súbita.

— Sério? Vamos até lá! A gente sempre quis saber o que tem embaixo!

“Esta bem, mas ainda não me disse o que viemos fazer aqui, era pra darmos uma de adolescentes?”

— Quem sabe, vamos logo, vai!

Ri da desconfiança dele. Era tudo divertido pra mim naqueles dias.

Seguimos então para o pátio. A poeira cobria boa parte dele, a luz era alaranjada pelo sol. Parecia que ali a chuva não tinha dado as caras, nem gelo ou água, o portão que ligava o pátio à quadra estava aberto, seguimos por ele até a casinha central. Uma estranha guarita em um lugar estranho — ao lado da quadra de esportes.

Como Vicente tinha dito, a porta estava aberta. Subimos o primeiro degrau, tudo estava escuro lá dentro. Depois de alguns passos notamos que havia uma escada que descia.

“O cheiro aqui está mil vezes pior que o da minha casa antiga!” Disse ele, e realmente estava bastante ruim, mesmo tendo deixado a porta aberta aquele tempo todo.

Guiava, indo à frente, até o fim da escada. Ouvi o som do isqueiro de Vicente atrás de mim, pedi para que ele me deixasse segurar. Dei alguns passos e antes que ele me alcançasse desliguei-o.

“ O que foi. Acabou o gás?”

— Psiu, acho que têm pessoas aqui! Sussurrei.

Vicente esperou atrás de mim, ouvíamos murmúrios que pareciam distantes. Foi então que ouvimos a voz de Octávio ecoar ainda no escuro:

“Hoje é uma noite especial! Eu era jovem ainda quando visitei a cidade pela primeira vez, e cheguei em uma estranha época. Anos à frente do meu tempo.

Minha missão era como a do meu pai. Libertar prisioneiros, libertar guerreiros. Fui chamado por um grupo de revolucionários, o plano era libertar uma turma de presos políticos. Em especial Basílio, Luiz e Denis, importantes militares que seriam executados.

Íríamos nos aproveitar dos dias de carnaval, invadir a prisão, libertar os presos e trazê-los para um esconderijo próximo. Estas galerias, que se uniam a vários pontos da cidade pelos túneis dos esgotos.

Os detalhes dessa façanha vocês já estão cansados de ouvir, e como sabem, libertamos trinta dos presos, conseguindo infelizmente, trazer apenas vinte cinco deles para Arles.

E são essas vinte cinco famílias que estão aqui hoje, quase trinta anos depois daquela noite!

Pela primeira vez voltamos a este lugar, onde seus pais, mães, avôs e avós, encontraram alívio do medo do cárcere, da tortura, e da morte esquecida; para a liberdade, para o futuro que lutaram. Para ver o sonho que lutaram tornar-se real. Parabéns a todos eles!”

As luzes se acenderam nesse momento, gritos e palmas fizeram-se ouvir. A festa tinha começado.

Vicente não entendeu o que estava acontecendo. Até que eu disse:

— Surpresa! Feliz “Dia da Fuga”!

Levei-o para cumprimentar as pessoas, alguns dos nossos grandes amigos estavam lá descendentes dos guerrilheiros libertos e alunos de Arles. Foi ali que a maioria de nós se conheceu, e foi ali que nos reencontramos dessa vez, após anos.

Estranho como lembro-me de cada detalhe desse dia.

“Não acredito, estão todos aqui! Como é bom rever esses rostos” disse-me Vicente após reencontrarmos alguns dos nossos colegas de classe.

“Mas quem foi que fez o pronunciamento?”

— Seu avô, o Octávio, ele deve estar por aí!

Ao ouvir essas palavras Vicente ficou alerta, olhando para todos os lados procurando um rosto que não conheceu, mas que se lembraria pelas feições semelhantes as suas e pelo sonho que teve. Rodou pela grande galeria e as duas outras menores que se ligavam a ela. Estavam todas decoradas com faixas e balões vermelhos e pretos. Algumas caixas de som pelas paredes, a banda com instrumentos de sopro e piano, começaram a tocar no palco improvisado, algumas mesas pelos cantos do aposento, deixando o centro livre para a dança. Em um canto mais distante o bufê.

Alcansei Vicente e disse que o levaria para ver Leocádia e Antônio que estavam ali também.

Leo ficou assustada ao ver as manchas de sangue nas roupas de Vicente, mas ajudei-o a acalmá-la. Antônio estava eufórico, queria contar para o pai sobre o bisavô com o qual conversou e brincou.

“Todos vocês já o conheceram menos eu! Onde ele está?”

Wilma se aproximou de nós nesse momento, com um vestido novo, abraçou Vicente com força.

“Ainda bem que consegui chegar a tempo, Vi!” trazia às suas costas seus dois amigos que assumiram a forma de gêmeas idênticas da idade de Wilma.

“Foi difícil, mas consegui chegar, você também encontrou o Octávio?”

“Encontrei sim, estava conversando com ele agorinha, me disse que logo vamos sair em uma viagem! E a Alba, não pode vir?” Ele se abaixou, seu rosto era triste. Só então que Wilma viu o medalhão que Vicente tinha colocado ao pescoço.

“Ah, então... ela foi embora, que bom.” Ela sorriu, mas era evidente a tristeza em seu olhar. Chamou Antônio para ir brincar com ela e seus amigos na quadra.

“Espera, onde está o Octávio?” perguntou ele, mas a garota não o ouviu.

Falei para Vicente se sentar um pouco, afinal o dia tinha sido longo. Leo não parava de olhar para ele, o abraçou com ternura.

“Onde você estava mocinho? Fiquei preocupada!”

“É...”

— Uma longa história! Completei. E demos risadas, porém Leo ainda estava séria querendo saber o que aconteceu. Ele perguntou se podia resumir ao máximo, ela concordou.

“... e acho que tudo isso que está acontecendo é obra desse Octávio, e aquele sonho que tive com um velho que me dava uma chave, lembra, que te contei?”

“Sim, eu lembro. Ele veio falar comigo e com o Antônio, falou que era seu avô, achei estranho, você nunca me falou dele.”

“Isso porque eu nunca soube nada dele...”

— Ele disse que tem planos para o futuro, que vai mudar as coisas! Nada vai ficar como agora, no descaso. Parece que estamos próximos do fim. Não podemos deixar... Renovação será a resposta, desenvolvimento intelectual, a vida mais cômoda novamente, mais segura. Já imaginou Vicente, a gente voltando a pintar! Exposições, livros, reconhecimento. Um lugar melhor para nossas famílias. Uma vida decente para o Antônio, já pensou?

“Espera aí, espera. Devagar, o que foi essa explosão de esperança e euforia em, Salvador? tantas ideias malucas?”

— Não são ideias malucas, foi o Octávio que falou!

“O quê? Quem esse Octávio pensa que é? Deus? E outra, o que te deu hoje, voltou a ter vinte anos, a acreditar em utopias? Acorda, a vida é isso aqui, não tenta inventar outra.”

Aquelas palavras me entristeceram.

— O que foi, porque você não pode acreditar? Lutar por algo melhor, é um crime? Não posso? Fica aí então, não faça nada.

“Salvador, não fica assim, da um tempo para o Vicente, quando ele conhecer o Octávio vai entender você”

“Até você Leo, cadê ele então, estou querendo mesmo conhecê-lo. Só estou recebendo os recadinhos dele até agora, e nada de vir falar comigo, nunca veio.”

— É melhor mesmo eu dar um tempo, vou lá fora respirar.

Deixei-os a mesa, ouvi Leocádia chamá-lo para conversar. Atravessei a pista de dança, trocando sorrisos e cumprimentado pessoas que não reconheci. Peguei uma taça de vinho à mesa e subi as escadas.

Sentei ao lado da guarita olhando para a quadra, Wilma e Antônio brincavam com uma bola grande e vermelha, jogavam um para o outro. Enquanto do outro lado um homem já de idade avançada sorria e observava, a seu lado Hugin e Munin, que agora, exibiam seus longos cabelos negros e sorrisos idênticos.

Octávio chamou Wilma para perto, apontava as gêmeas, e dizia algo no ouvido da garota. Depois, beijou a fronte de Hugin, e sugando-a fez com que desaparecesse, repetiu o movimento com Munin. Wilma parecia desapontada, seu avô tentava consolá-la, disse mais algumas palavras ao seu ouvido fazendo-a pular e gargalhar. Antônio olhava à distância segurando a bola vermelha. Até que percebeu a minha presença e veio sentar-se comigo.

“Ele disse que ela vai embora... logo agora que eu achei alguém pra brincar!”

— Sabe, o mais estranho? É que ela nem deveria estar aqui meu rapaz!

Wilma e Octávio vinham em nossa direção.

“Vim me despedir.”

Deu um forte abraço em Antônio, “Estava com saudades da suas brincadeiras, Vi, o vovô disse que logo a gente vai se ver, quem mandou esquecer tantas coisas pelo caminho?”

Não entendi bem o que aquilo queria dizer. Ela também me abraçou, olhou em meus olhos por alguns momentos. Não disse nada. E se virou para Octávio que sorria.

A garotinha então desabotoou o vestido na altura do peito. Abaixo, escondia mais três botões sobre a pele, abriu-os.

Tentou alcançar algo entre as costelas, mas não conseguiu. Octávio então pescou algo entre os dedos, semblante concentrado, puxou-o, enquanto protegia com a outra mão, não me deixando ver o que era.

A mocinha perdia aos poucos a viva cor da sua pele e seus cachos escuros. Tudo ficou cinza, e ela se desfez em pó.

Olhei para o alto vendo as inúmeras janelas de Arles, circundando a quadra de esportes. No último andar vi o vulto de uma moça olhando pela janela, seu rosto mantinha-se nas sombras, no andar abaixo, mais uma silhueta nas sombras, também uma mulher a me observar, mais duas mulheres apareceram nas janelas em diferentes pontos do prédio. Quería distinguir aquelas feições, mas em um segundo todas desapareceram.

— O que acontece agora, Octávio?

“Infelizmente, nada. Você acreditaria que tudo isso possa ser um sonho?”  
— Acredito, mas não parece meu sonho, porque eu não consigo mudar nada nesse lugar.

“É, a vida é assim. o mundo não nos pertence, mas sim, nós a ele.”

— E agora, o que eu faço?

“Você? pode voltar para um dia depois do enterro, que tal? E procure o Vicente, tente fazer melhor dessa vez.”

— O quê? Como assim?

E Foi então que eu acordei e liguei pra você, na verdade, não sei bem se estou acordado.

\*\*\*

Segurei a mão do garoto. Antônio parecia feliz ao meu lado.

Lá fora o som das sirenes. Vicente estava fazendo outra vez. Para onde ele esta nos levando? acho que nem mesmo ele sabe.

Descemos novamente para a festa. Este seria o momento final, a última prova de Vicente. Quem sabe ele conseguiria sair deste lugar. Estava torcendo por ele, pois isso era o mesmo que torcer por mim, torcer por nós.

Antônio parecia preocupado, e me perguntou:

— Você também vai embora?

“Eu não queria ter ido nunca, mas como da outra vez, logo serei obrigado.”

— Ah, que droga, eu gosto das suas mágicas. Ensine algumas para o papai?

“Pode deixar, vou tentar ensinar algumas coisas para ele, estou tentando...”

Lá embaixo a música tocava alta. Disse para Antônio ir brincar com as outras crianças. Estava na hora de conversar com Vicente. Ele sempre teve medo desse mundo, dessa realidade, mas não adianta fugir. Olha o pesadelo que ele criou?

Não estavam na mesa, fui para as galerias menores, onde o som da música não incomodava tanto. Lá estavam os dois, discutindo. Os grandes olhos de Leocádia tentando trazer Vicente para seu estado normal, para o mundo, mas em sua mente só se fixavam seus medos do amanhã, dos que se foram, do que desconhecia. O medo de mim.

“Olá, meu neto, estava á minha procura?”

“Sim estava, preciso de respostas, e você parece saber de tudo, não é?”

“Leo, pode ir para o salão por alguns momentos?”

“Esta bem Octávio, por favor, ajude o Vicente.”

Ela foi até o marido e o beijou com carinho. Disse um até logo, e saiu, deixando o som da batida dos seus sapatos sobre o chão. Passou pelo batente, fechando a grade e abaixando as cortinas.

“Vem comigo, tenho que te mostrar uma coisa.”

Seguimos por um labirinto de galerias, todas iguais, vazias, apenas com lixo e destroços pelo chão até chegar ao fim do corredor. Todo o percurso era iluminado por velas, dando um ar fantasmagórico as nossas sombras. Na última galeria, havia uma mesa, algumas cadeiras e poltronas, um grande arquivo e no canto oposto algo como um grande cofre.

“Vê este cofre? É aqui que vai encontrar suas respostas. Mas não se engane, na verdade o cofre em si apenas esconde uma passagem, atravesse-a, e quem sabe encontre o que procura. Tome, vai precisar disso.”

Joguei a ele a chave mestra.

“Você a esqueceu lá em cima.”

“ O Que é isso?”

“Uma Chave”

“Que é uma chave eu estou vendo, quero saber pra que serve, e porque você me deu?”

E novamente, começávamos.

“Pra que serve uma chave em, meu rapaz?”

“Você entendeu o que eu quis dizer!”

“Tudo bem. Eu explico: depois do cofre, existe uma porta, e esta chave vai te ajudar a atravessá-la”

“ O que? Só isso? E aquela história toda, que esta é uma chave especial e bla,bla,bla?”

“Isso você já sabe não é? Afinal, foi ela que te trouxe aqui”

“Porque você não vai direto ao ponto? Como saio daqui?”

“As pessoas chegam aqui por algum motivo. Algo que não se pode evitar. Que chega para todo mundo. Você, no entanto, veio mais cedo do que deveria, agora precisa achar seu próprio caminho para fora, e rápido, pois há pessoas que precisam de você lá fora.”

“Sabe, pode ficar com sua chave, eu tenho o que preciso aqui, minha família, meus amigos. As coisas estão meio confusas, mas eu vou entender e tudo vai ficar melhor”

“Você não deseja sair? Porém não existe devolução, você a buscou, agora a tem. Não preciso mais dela”

Distante, a música da festa parou repentinamente. Seguida de gritos e sons estranhos.

“Olha o que você fez... os chamou. E ainda me chama de maluco. Vai, aproveita que ainda dá tempo de salvá-los, mas tome cuidado... bom... você já sabe”

“Estou cansado desses seus joguinhos. Eu vou, vou mesmo cuidar deles, e não quero mais você brincando com minha vida, com seus mistérios.” Vicente jogou as chaves contra mim. Deixei-as cair ao chão.

“Eu? A culpa nunca é sua não é, projeta tudo no mundo e nas pessoas a sua volta. Venha me procurar depois que acabar aqui. Mas vá rápido, quem sabe ainda dê tempo”

Olhamos para a chave.

“Tem certeza que não vai levá-la? Pode precisar..”

Mais gritos, a voz de Leocádia chegava fraca pela distância. Chamava por mim. Vi o olhar de ódio do meu neto. Virei-me e atravessei o cofre... ele viria atrás de mim.



\*\*

Vicente correu respondendo aos chamados da esposa, ela estava junto as grades, não conseguia abrí-la, entre suas pernas Antônio chorava assustado. Atrás dela: correria, fogo, e sons de tiros.

“Os soldados nos encontraram!”

“O que esta acontecendo, o que eles querem?”

Vicente forçava o portão, mas não conseguia abrir.

“Não sei, eles estão atrás dos guerrilheiros, acham que somos nós!”

“Como assim? A ditadura já acabou há décadas!”

“Estão atirando, rápido, temos que abrir essas trancas, antes que eles me vejam!”

Ele lembrou-se da chave no chão.

“Espera, eu sei como abrir!”

Correu o mais rápido que pôde, lutando contra a dor que os pequenos cortes que sofreu o faziam sentir. Encontrou a chave no mesmo local, mas não viu rastros do Octávio.

Voltou o mais rápido possível as grades. Há alguns metros via o rosto de

Leocádia e Antônio, viu surgir atrás deles um soldado armado, que atirou na sua esposa e no seu filho. Dois corpos caíam ao chão.

Vicente ficou parado, vendo o olhar de Leo se apagar, enquanto o rosto de Antonio permaneceu nas sombras o tempo todo. Não pode vê-lo.

O Soldado aproximava-se da grade, vendo a silhueta de um homem sobre a fraca luz da vela que se apagava.

Ele virou-se tentando correr. Um tiro atravessa suas costas. Ele cai de joelhos na escuridão.

O Soldado tenta abrir as grades mais não consegue. Gritos de retirada. A festa tinha acabado. Uma fumaça começava a invadir todas as galerias. Alguns gemidos, o som dos passos se afastando. Não deixaram muito para trás.

Ele se lembrou do sonho que teve, do tiro. Pensou que tudo tinha a ver com sua avó. Mas não, os fatos se embaralhavam na sua cabeça, e não sabia a ordem certas das coisas, nem quais foram sonho e quais aconteceram.

Precisava alcançar a fechadura, como no sonho. Precisava chegar ao cofre. Levantou-se e com suas últimas forças, seguia apoiando-se nas paredes. Pensou estar perdido entre as galerias. Não podia morrer ali, o sangue escorria, a fumaça dificultava a sua respiração.

Avistou o fim da galeria, a única vela acesa. Arrastou-se até lá. Pensava em seu filho e sua esposa ao chão. Quando é que a moça de vestido branco viria te ajudar?

Finalmente em frente ao cofre, não acreditou, estava trancado. A combinação? Qual seria?

“O Dia da fuga, quem sabe?”

27-02-79. Um clique. Girou a alavanca. Fez força para puxar a grande porta de ferro. Sentia-se fraco. Jogou o corpo para dentro do cofre, não podia enxergar nada. Procurava com as mãos alguma fechadura. No canto direito encontrou o que procurava.

Ao abrir a porta, uma forte luz quase lhe cega. Arrastou-se para o outro lado, não distinguia chão ou paredes, diversas cores se dividiam e se uniam em diferentes tons. Quatro mulheres lhe esperavam. Com seus vestidos longos e brancos, seus rostos estavam cobertos com um véu. Não conseguia distingui-los.

Elas foram até ele, e tiraram suas roupas, limpando seus ferimentos. Ele gritou por Octávio. As moças o deixaram apenas com a chave mestra em suas mão, e o relicário em seu pescoço. A mais baixa das quatro, uma garotinha, foi até ele, tirando-lhe das mãos a chave, e depois colocou-a em um molho lotado de objetos semelhantes. A segunda cortou o cordão que prendia o relicário em seu pescoço. A terceira o ajudou a se levantar. Enquanto a quarta mulher a sua frente, traçava um retângulo no ar, e puxava seu centro, fazendo uma janela.



Por ela, Vicente viu Octávio desaparecer em brumas. Sentia-se mais forte, andou até a janela, e com um pouco de dificuldade, saltou-a.

As moças gargalharam e a janela fechou-se. Ele prosseguiu, queria encontrar o avô. Queria sua vida de volta.

As brumas se apagavam, e ele estava novamente no quarto de Alba, a cama de solteiro com colcha rosa estava desbotada, quase que se apagando. Uma moça apareceu a sua frente estendendo-lhe a mão, o pedia que ele ficasse com ela, mas ele correu, se jogando contra a grande janela de vidro.

Foi como mergulhar nas águas do mar em um rigoroso inverno, sentia seu corpo congelar. Nadava tentando sair o mais rápido possível daquele lugar. Uma pequena luz amarelada a frente. Estava chegando ao fim daquele estranho túnel.

Porém a figura de uma garotinha apareceu ao seu lado, pedindo-lhe também pra ficar com ela. Novamente ele seguiu em frente deixando-a lá, flutuando no líquido que os envolvia.

Vencendo a parede gelatinosa, Vicente caiu. Estava novamente em seu quarto. No chão, o corpo disforme do seu monstruoso tio decapitado, algumas penas negras à sua volta. Fios de barbante saíam dos seus ferimentos.

Viu Octávio, seu avô, passar pelo corredor. Correu atrás dele, a luz do dia invadia a casa. Chegando à cozinha viu que ele seguia em frente, mas não conseguiu alcançá-lo. Apressou-se, lembrou que não teria mais saída a frente.

Vicente tinha finalmente alcançado Octávio. Mas parecia que só havia conseguido porque esse era o desejo do seu avô.

Octávio disse novamente algumas frases que não faziam sentido ao neto. Abriu a camisa, e tinha sobre o peito três botões na horizontal. Desfez um a um. Puxando seu rosto.

Vicente viu a si mesmo, no rosto de Octávio. Os dois, os mesmos. Uma linha vermelha atravessava o peito de Octávio, caía de suas costas. Perdendo-se nas sombras.

Caíram de joelhos. “Não consegui...” disse Vicente vendo seu avô se desfazer. Desaparecer.



*Diogo Nogue*

Conto “De onde os medos crescem”  
Texto, diagramação e ilustrações por Diogo Nogue

Este PDF está hospedado no site:  
[www.diogonogue.com.br](http://www.diogonogue.com.br)  
curta a página: [facebook.com/diogonogueart](https://facebook.com/diogonogueart)